

OPIÇÃO

25 DEC 1972

O homem da CIA

Esta vez o gatinho de estimação *Snowball* (Bola de Neve) ficou nos Estados Unidos. E isso foi mais uma razão para alimentar a crença que a visita de seu dono e companheiro inseparável, o General Vernon Walters, ao Brasil não foi para distrair-se. E o maduro solteiro também não pareceu — como informou à embaixada americana — estar em "gozo de férias" nem simplesmente se "avistando com velhos amigos". Seu programa foi muito agitado: chegou ao Rio no dia 13 de dezembro, foi até Brasília no dia 15, voltou para São Paulo dia 16 e já na noite do dia 17 estava embarcando para os Estados Unidos.

Em Brasília autoridades e amigos lhe deram uma recepção calorosa e efusiva. Um fotógrafo do "Correio Braziliense", que estava no aeroporto porque um diretor do jornal chegava no mesmo avião, foi atraído pela movimentação e fotografou o General. É talvez a única foto desta visita do homem da CIA que havia desembarcado num aeroporto interdito.

Ocupando o cargo de subdiretor da CIA (Central Intelligence Agency) dos Estados Unidos, Walters é o chefe de operações da mais poderosa agência de informações do mundo: 18.000 pessoas empregadas diretamente e mais 200.000 agregadas à sua "comunidade de informações" que gasta de 5 a 6 bilhões de dólares anualmente (mais da metade do orçamento brasileiro para 1973). Walters é de fato o executivo, enquanto o diretor Richard Helms se encarrega da representação e dos contatos públicos da agência.

De Getúlio a Castelo

Como se explicam os "velhos amigos" do homem da CIA no Brasil? O historiador americano Thomas Skidmore responde em parte no livro "Brasil: de Getúlio a Castelo". Quando mostra o "Papel dos Estados Unidos na Queda de Goulart", Skidmore escreve: "Parece claro, porém, que a embaixada norte-americana estava bem-informada sobre os esforços dos conspiradores. O adido militar, Coronel (mais tarde promovido a General) Vernon Walters era elemento de ligação sumamente eficiente com o corpo de oficiais brasileiros. Linguísta de valor e um dos mais eficientes *attachés* militares estadunidenses, Walters tinha servido de intérprete para o Quinto Exército dos Estados Unidos em seus contatos com a Força Expedicionária Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Na Itália, ele se tornou um pessoal do Tenente-Coronel Castelo Branco, agora General, coordenador da conspiração militar anti Goulart. "Foi

nesta estada no Brasil que o General aumentou o seu círculo de relações, o que explica a recepção que teve ao desembarcar em Brasília.

Nessa sua volta ao Brasil o que teria vindo fazer? A falta de explicações para a viagem rápida alimentou as mais variadas especulações. Além das cândidas sugestões da embaixada americana houve, pelo menos duas mais condizentes com o ministério que normalmente cerca tais personagens. Chegou a ser publicado que ele teria vindo para conhecer os metrô do Rio e São Paulo. Apaixonado por estas obras de engenharia, teria por hobby colecionar suas plantas, segundo os jornais. Para os mais (ou menos?) imaginosos, o que ele estaria procurando com isso seria conhecer a planta dos nossos subterrâneos que, habitualmente fazem parte da defesa anti-aérea das cidades a que servem.

Sem ser publicada, circulou ainda a versão de que o motivo da sua viagem era uma outra viagem: o Presidente Nixon estaria preparando uma aguardada e desejada vinda ao Brasil. Mas seria um luxo quase inconcebível que, por qualquer dos dois motivos, se deslocasse ao Brasil o virtual chefe da principal agência de informações americana. Para a Agência não seria problema obter com o necessário sigilo as plantas de metrô que, inclusive, dependem de numerosos assessores estrangeiros. A visita de Nixon estaria mais ligada ao Departamento de Estado e mesmo na parte de "informações" o CIA encontraria emissários menos conhecidos que o "amigo do Brasil", como o General Walters é chamado pelo pessoal de nossa embaixada em Washington.

A poderosa força

Os motivos reais da visita de Walters talvez não sejam revelados tão cedo. Entretanto não é difícil descobrir porque um país como o Brasil interessaria ao executivo principal de uma Agência como o CIA. Principalmente quando se sabe que essa agência voltou a ter, nos tempos de Nixon, um importante papel, depois de um período de relativa desmoralização. Nos anos sessenta a agência colecionou ruídos fracassos: a repelida invasão da Baía dos Porcos, contra Fidel Castro; a frustrada tentativa de promover a contra-insurreição no Vietnã no começo da década de 60; a incompetência demonstrada de 1965 em São Domingos; etc.

Segundo Richard J. Barnett*, ex-diretor do ministério dos Estados Unidos Políticos e funcionário do Departamento de Estado durante a administração

Kennedy, os tempos agora são outros para o CIA. Barnett publicou recentemente no *The New York Review of Books* um longo trabalho sobre a atuação da agência na administração Nixon. Um resumo dele:

A agência está se tornando a mais poderosa força burocrática nos negócios estrangeiros. Em parte isso se deve à análise correta que fez sobre o Vietnã nos anos 50 e que os Documentos do Pentágono revelaram. Mas o mais importante para a nova ascendência da CIA é a doutrina de Nixon que representa, sob vários aspectos, uma volta aos tempos de Eisenhower quando a agência era o instrumento para estender o controle americano na política interna dos países, sem intervenção militar. Naquela época, os agentes do CIA derrubaram governos no Ira e na Guatemala, tentaram fazer o mesmo na Indonésia, instalaram Mobutu no Congo e mon-

taram a guerra secreta no Laos, onde hoje mantém um exército mercenário de 100 mil homens.

Nixon agora promete uma geração de paz, isto é, serão evitadas intervenções militares diretas dos Estados Unidos. Em lugar disso, quando necessário, serão utilizados satélites de espionagem, eventualmente bombardeios aéreos, e os canais diplomáticos. Nixon mostrou claramente que os Estados Unidos não estão abandonando seus interesses no sudeste da Ásia ou na América Latina. O governo americano continuará resistindo ou atacando movimentos revolucionários mesmo quando, como no Chile, cheguem ao poder por via legal. Mas procurará meios que sejam mais baratos, mais efetivos e mais aceitáveis politicamente que o envio de tropas do exército ou os fuzileiros navais. Tal estratégia cria oportunidades irresistíveis para a ação da CIA. E quanto mais "cobertura" a atuação dela, melhor.

Seus chefes inclusive tentam convencer os jornalistas que as ações clandestinas já são coisa do passado. Marchetti, um ex-assistente especial do diretor-executivo, conta num livro e em entrevistas, fatos que contradizem isto. Quando ele deixou a agência em 1970, cerca de um terço de seus 18.000 empregados trabalhava em "pesquisa e análise". Outro terço se envolvia diretamente em "atividades clandestinas".

Richard Bissel, um dos diretores da CIA, definia estas atividades como "tentativas de influenciar os negócios internos de outras nações por meios encobertos". O terço restante cuida da manutenção dos canais de transporte, comunicação e logística. Marchetti calcula que, no mínimo,

65% do orçamento anual de 700 milhões de dólares são gastos em atividades clandestinas. E isto é pouco, pois a agência utiliza ainda fundos do Departamento de Defesa.

O já citado Richard Bissel entretanto tornou claro que está diminuindo consideravelmente o esforço de espionagem na Europa. "O mundo subdesenvolvido, pelo contrário, segundo ele, apresenta maiores oportunidades para operações de informações cobertas, simplesmente porque seus governos são menos organizados; há menos consciência de segurança e há mais possibilidade de uma difusão real ou potencial do poder entre partidos, localidades, organizações e indivíduos, fora dos governos centrais. O propósito primário da espionagem nessas áreas é dar a Washington conhecimento atualizado da balança de poder interno".

Teria Walters vindo ao Brasil estudar nossa "balança"? Para um homem da cúpula do CIA qualquer acusação é admissível. É possível até que digam que ele veio ao Brasil para fugir de seu gato.

() Barnet é também colaborador de OPINIAO, que brevemente publicará o ensaio onde ele discute se os Estados Unidos são capazes de ajudar os países subdesenvolvidos.*

Vernon Walters, segundo homem da maior agência de informações do mundo, passou pelo Brasil misteriosamente. O que veio fazer?

